

# ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS: A NECESSIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI LEGITIMAMENTE PARAIBANO

*Ana Beatriz Ribeiro Barros Silva*<sup>1</sup>

Em sua obra intitulada *Intrepida ab origine*, Margarida M. S. Dias constata a predominância de um determinado segmento de história presente na historiografia paraibana, nos cursos de graduação em história da UFPB, nas escolas de ensino fundamental e médio, entre outros meios - a história factual, descritiva, desprovida de análises, que se limita a narrar o fato por si mesmo e, principalmente, que se dedica a exaltar indivíduos considerados importantes, tidos por vezes como heróis, e que seriam os condutores únicos da história. Deste modo, percebe-se quase que um predomínio da história oficial e suas versões nos mais variados âmbitos da sociedade. Segundo a autora, faz-se necessária uma análise mais aprofundada acerca da elaboração da história local, cujo poder de influência e alcance ainda não foram dimensionados.

Essa historiografia, que parte da concepção oficial dos processos históricos, factual, de heróis, mitificada, dedicada aos “*grandes nomes, feitos e monumentos*”, escrita para contemplação e não para o engajamento, foi produzida inicialmente pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano ou grupos ligados a ele. O IHGP foi fundado em 1905 com o objetivo maior de escrever a história da Paraíba - escrita pelos próprios paraibanos - visando demonstrar, através desta, a grandeza do estado e de seu povo. Com um claro sentimento de vanguarda, iniciou-se a elaboração da história da Paraíba de forma mais abrangente e sistemática do que vinha sendo feito, além da localização e catalogação de fontes, cadastramento de arquivos etc. que servissem para glorificar o passado paraibano.

Nesse sentido, segundo a autora, um elemento perpassa por toda a historiografia produzida pelo IHGP a partir de então: “*a identidade paraibana, criada pelo IHGP para conceituar uma personalidade específica, circunscrita pelo espaço tido como paraibano e formado por algumas características e valores (...) proporcionados pelo processo histórico particular*”<sup>2</sup>. A esta identidade paraibana a autora chama de “*paraibanidade*”, formada, segundo o IHGP, ao longo de todo o processo histórico pelo qual o estado passou. Posto isso, destacam-se três características do “*ser paraibano*”. A primeira seria o caráter pacífico do seu povo, que foi expresso desde o momento de fundação da capitania da Paraíba, a 5 de agosto de 1585, afinal, esta se deu por um acordo de paz firmado entre Piragybe, chefe dos índios Tabajaras, e João Tavares, líder dos portugueses. Outro componente do “*ser paraibano*” seria a bravura, que se mostrara de forma inequívoca nos episódios de resistência e luta contra a dominação holandesa; Por fim, outra característica do paraibano seria o seu pendor para o republicanismo, consideravelmente anterior à proclamação da república e ao surgimento de idéias republicanas em alhures.

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> DIAS, Margarida M. S. *Intrepida ab origine*: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local. João Pessoa: Almeida, 1996, p. 50-51.

No entanto, tendo em vista o nosso objeto de análise, um desses componentes da identidade paraibana nos interessa mais de perto: o da resistência dos “paraibanos” às invasões holandesas. Após o acordo de paz entre portugueses e Tabajaras, este seria o segundo grande momento da história paraibana, no qual outra característica da personalidade paraibana viria à tona: a bravura. Segundo Dias:

*O período do domínio holandês, retratado pelo IHGP, serve também para acentuar a contraposição a Pernambuco, visto que é considerado como um momento de desenvolvimento econômico-social e cultural naquela Capitania, sobretudo em Olinda e Recife, onde até as obras de infra-estrutura na cidade servem para justificar como benesses do estado holandês. À Paraíba ficou a resistência.*<sup>3</sup>

Neste sentido, já estaria muito claro, desde o período holandês, um componente essencial da paraibanidade: o sentimento de nacionalidade. Para o IHGP, o que a invasão holandesa feriu foi o próprio sentimento de nação, que já seria existente desde esse período, e não as riquezas materiais. E é também com o movimento contra a dominação holandesa que surgem os primeiros heróis paraibanos após o acordo de 05 de agosto de 1585, com destaque especial para André Vidal de Negreiros. Segundo palavras de Irineo Joffily, Vidal, à frente do exército restaurador, foi “o principal herói brasileiro nos tempos coloniais”<sup>4</sup>. Hélio Zenaide destaca que Vidal foi um homem “íntegro” e o nomeia como o “herói da guerra contra os holandeses em Pernambuco”<sup>5</sup>.

Esta concepção da existência de um sentimento de brasilidade e amor à terra paraibana, demonstrado durante a guerra contra o domínio colonial holandês no Brasil, e presente nas versões de história produzidas pelo IHGP, fica clara na obra “Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça”, de Luiz Pinto, que se propõe a realizar uma biografia de Vidal. Devemos ressaltar que, apesar de Vidal merecer honrosas menções em várias produções do IHGP, sendo recorrente o seu título de “maior herói paraibano”, a obra de Luiz Pinto foi a única que localizamos que se dedica a apresentar uma biografia mais detalhada de Vidal, além de representar com bastante fidelidade os objetivos e escolhas do IHGP. Conseqüentemente, no presente artigo analisaremos esta obra mais de perto com vistas a melhor compreender o processo que levou à escolha de André Vidal de Negreiros como herói paraibano.

Para Luiz Pinto, o domínio holandês no Brasil não teve outra significação senão a econômica, tendo em vista o “espírito mercenário e judaico da Companhia de rapina”<sup>6</sup>. O mesmo, para Pinto, não se passava com os brasileiros e portugueses que defendiam a colonização lusa: a bandeira que empunhavam contra a Holanda

<sup>3</sup> DIAS, *Intrepida ab origine...*, p. 56.

<sup>4</sup> JOFFILY, Irineo. A conquista do sertão. In: \_\_\_\_\_. *Notas sobre a Paraíba*. 2. ed. facsimilar. Brasília: Thesaurus, 1977, p. 113.

<sup>5</sup> ZENAIDE, Hélio Nóbrega. Vidal de Negreiros, o Padre Antonio Vieira e o cativo indígena no Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*, João Pessoa, IHGP, ano LXXXI, 1995, p. 139-142.

<sup>6</sup> PINTO, Luiz. *Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça*. Rio de Janeiro: Alba, 1960, p. 11.

seria a da religião católica contra os hereges calvinistas, o que teria dado à guerra uma característica religiosa.

Segundo o autor, foram as três raças de nossa etnia - a branca, a negra e a indígena, representadas respectivamente por Vidal, Henrique Dias e Camarão, todos nascidos no Nordeste - que deram corpo e sentido à guerra de expulsão. E continua: “(...) Vidal foi a alma da restauração, o homem que nunca se curvou ao medo, nem a conveniências, nem se sobressaltou frente ao poderio inimigo, de muitas vês quase esmagado.”<sup>7</sup>.

Entre as tropas arregimentadas na Paraíba para a libertação da Bahia do domínio holandês, em 1624, já se encontrava, como “voluntário da sua terra”, André Vidal de Negreiros, rapaz paraibano, então com 18 anos de idade e filho de Francisco Vidal e d. Catarina Ferreira. Seu pai seria senhor do engenho S. João. Nas passagens a seguir, podemos perceber a visão de um herói destemido, um predestinado, devotado à sua terra e à sua religião, que Luiz Pinto visa construir:

*Quando Matias de Albuquerque acudiu aos chamamentos e reclamos da Bahia, arregimentando tropas para combater o invasor batavo, um jovem paraibano vibrou de entusiasmo. Queria lutar também, seguir com os resultados de qualquer maneira, acudir em defesa da sua pátria e da sua religião. (...) O rapaz André, filho do velho Vidal, era dos mais ardorosos. Alistara-se às suas custas. E logo se transformou num propagandista e animador dos mais decididos e corajosos. Moço, desenvolvido, ágil, ouvindo as narrativas dos vencedores, sentia estremecimentos, desejando partir quanto antes em socorro daquele povo.*<sup>8</sup>

Percebe-se a onipresente questão da defesa da religião católica como o motivo principal de luta contra os flamengos. Além disso, o autor cria uma imagem por vezes emotiva da figura de Vidal, que seria a de um jovem extremamente interessado e entusiasmado com a causa da restauração. No entanto, Vidal não só se destacou pela sua empolgação e devoção pela causa da expulsão dos holandeses - também se destacou nas batalhas, se tornando um dos soldados mais capazes e distinguidos pelos seus superiores:

*Sem muita demora, André Vidal enquadrou-se à arte da guerra. Os seus superiores hierárquicos começaram logo a distingui-lo, não só pela sua bravura indômita, mas ainda pela sua conduta serena, pelo seu instinto de soldado, pela segurança dos seus planos e rapidez por que procurava executá-los. (...) O princípio do amor à terra nativa e à religião era a bandeira que se não ofuscava. Isto determinava as mais cruéis represálias, os mais atrozes combates. Na alma de André Vidal era sacrossanto esse princípio (...). Não se fez demorar o renome de André Vidal de Negreiros no seio da tropa. Distinguido e disputado pelos superiores, viu-se durante a guerra na Bahia nos lugares mais arriscados, marchando à frente como um predestinado. E não se fez*

---

<sup>7</sup> PINTO, Vidal de Negreiros..., p. 13.

<sup>8</sup> PINTO, Vidal de Negreiros..., p. 31-32.

*silêncio sobre os seus brios de soldado e bravura de patriota, embora contra isso conspirasse a sua grande simplicidade e modéstia.*<sup>9</sup>

*André Vidal, que logo se fez destro e valente soldado, não só lutou durante toda a fase da expulsão dos flamengos da Bahia como perseguiu a esquadra holandesa fugitiva até deixá-la fora do seu Estado natal*<sup>10</sup>

Diante de tantas qualidades, o rei de Castela se fez informado das virtudes de Vidal, que foi promovido ao posto de alferes, então com 19 anos de idade. Segundo Pinto, *“André Vidal de Negreiros era uma vocação de soldado, tanto pela firmeza moral quanto pela robustez física. Dir-se-ia que a terra de massapê da várzea do rio Paraíba, o seu rio, lhe dera essa seiva, como ainda muita bravura e fidalguia”*<sup>11</sup>.

Após a derrota de brasileiros e portugueses no Arraial do Bom Jesus, optou-se pelo sistema de guerrilhas e emboscadas, a guerra irregular de extermínio; tática esta que não foi bem aceita pelos *“prepotentes espanhóis”*. No entanto, André Vidal, após oito anos de estudo na Europa, estaria convencido de que aquele seria o melhor sistema para destruir o poderio flamengo. Para Luiz Pinto, o plano de Vidal seria realmente o mais indicado. Além disso, também teria sido concertado por Vidal o plano da chegada da esquadra de D. Fernando de Mascarenhas (conde da Torre), que não logrou em sucesso.

Mais tarde, com a vitória da restauração no Maranhão, André Vidal foi nomeado governador da capitania. É interessante perceber a forma que Luiz Pinto apresenta essa nomeação que, a seu ver, seria o pagamento de uma dívida do rei de Portugal. Além disso, faz-se uma clara comparação entre Vidal, que estaria no auge do seu prestígio, e o Conde Maurício de Nassau, que estava voltando para a Europa diante de uma conjuntura desfavorável para a continuação do domínio holandês: *“Cumpria-se assim um antigo compromisso do rei de Portugal para com o herói paraibano. De modo que, quando Nassau retornava à pátria europeia, André Vidal de Negreiros se fortificava para total execução dos seus planos, traçados e alimentados desde 1632”*<sup>12</sup>. Após assumir o governo do Maranhão, em 1645, Vidal não permaneceu lá por muito tempo, pois *“cabia-lhe tecer a teia sinistra da guerra”*. Enquanto Teles da Silva despistava os holandeses com falsas promessas de armistício, Vidal organizava os batalhões:

*O que os flamengos não sabiam exatamente, e isso é claro, era que André Vidal tinha um plano concertado e que poria em prática de qualquer maneira, dentro do seu alto patriotismo e fidelidade religiosa. (...) Vidal era firme e queria a guerra de expulsão, ágil e violenta. Mas Nassau não desconfiou das manobras do paraibano. E tanto é que deixou transitar livremente por duas vezes, tanto no Recife quanto na Paraíba. E só através da sua primeira viagem a Recife, quando retornou de Lisboa, é que Vidal conseguiu firmar posição na capital da nova Holanda, arregimentando para as suas hostes o capitalista João*

---

<sup>9</sup> PINTO, Vidal de Negreiros..., p. 33.

<sup>10</sup> PINTO, Vidal de Negreiros..., p. 29.

<sup>11</sup> PINTO, Vidal de Negreiros..., p. 34.

<sup>12</sup> PINTO, Vidal de Negreiros..., p. 65.

*Fernandes Vieira, senhor de Engenho da Várzea, no Recife, homem religioso e rico, vaidoso e prepotente, que se tornou um elemento nuclear na guerra.*<sup>13</sup>

Nesta passagem, Vidal é mais uma vez colocado como peça central da guerra de restauração, seu principal articulador, que conseguiu de certo modo “enganar” Nassau, que lhe concedeu livre trânsito pelas capitanias. Vidal fez do Maranhão apenas um ponto de apoio para as suas incursões à Paraíba e Recife, com o objetivo de “colher adeptos, planejar a guerra, animar os fracos, encorajar os medrosos”<sup>14</sup>. E a figura de Vidal vai ficando cada vez mais relevante no tocante à guerra de restauração, como fica evidente na seguinte passagem:

*A libertação do Brasil do domínio colonial holandês cabe, como já mostraram Varnhagen, João Ribeiro, Hermann Watjen, Pandiá Calógeres e outros intérpretes da luta de restauração, tal como a organização da revolta geral, a epopéia pernambucana, uma das maiores da história da pátria - criação de guerrilhas, emboscadas relâmpagos implantadoras de morte - sem dúvida, ao engenho extraordinário de André Vidal.*<sup>15</sup>

Neste sentido, enquanto os dirigentes das duas partes se limitavam ao campo diplomático, Vidal, Henrique Dias, Camarão entre outros, preparavam o cerco do Recife, encurralando a Nova Holanda. D. João IV queria a paz com a Holanda e, ao mesmo tempo, a luta de libertação. Já a única paz que os nativos aceitavam era a conquistada pelas armas, com a capitulação total do agressor. Segundo Luiz Pinto, o rei e o vice-rei tentavam uma trégua. “É nesse passo da crônica que se verifica haver a restauração nascido da coragem, da decisão e as firmeza de André Vidal”<sup>16</sup>. Na tentativa de suspender a luta com os batavos, o vice-rei endereçou uma enérgica recomendação a Vidal, que respondeu de forma ativa e patriótica. Na carta, os chefes rebeldes, Vidal e Martins Soares Moreno, demonstram que, se o rei de Portugal continuasse com o propósito de dar trégua aos holandeses, eles iriam à procura de qualquer príncipe católico a fim de auxiliá-los, relatando inclusive a perturbação e inquietação de muitos nativos ao saber que o rei consideraria “ruins vassalos” os que continuassem na luta contra os flamengos, muitos chegando a pensar em matar suas filhas e esposas para não vê-las em poder do inimigo. Esta carta seria um “grito de rebeldia e de coragem, contra a covardia lusa, a frouxidão de D. João IV, preferindo perder 8 províncias da sua grande colônia a ter de lutar um pouco mais para desenraizar os flamengos invasores”<sup>17</sup>.

A esta altura, Recife já estava sitiada. Com a junção das tropas de Dias, Camarão e Vieira, Vidal assume a “direção geral de chefe supremo das operações militares”. Na primeira batalha dos Guararapes, Vidal ficou na reserva, mas Pinto tem uma boa justificativa para isso: “Era o homem das horas difíceis, o que traçava, o que executava”. É interessante perceber que até em momentos em que Vidal ficou em

---

<sup>13</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 66.

<sup>14</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 67.

<sup>15</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 69.

<sup>16</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 69.

segundo plano, o autor encontra uma solução para vangloriar ainda mais o seu herói. Com o desenrolar do combate, Vidal assumiu o comando. Os flamengos foram derrotados na 1ª batalha dos Guararapes, “onde a bravura da raça brasileira, em plena formação, se marcava proficientemente”. E sobre a ação de Vidal, afirma-se: “A influência do mestre de campo André Vidal de Negreiros foi tão evidente, não só no traçar planos certos e tática perfeita como no comandar e avançar à vanguarda, com o destemor de um guerreiro romano”<sup>18</sup>.

Na 2ª batalha dos Guararapes, Vidal foi o comandante dos terços. Segundo Luiz Pinto, antes da batalha, discutia-se o método de acometer o inimigo. Várias opiniões surgiram, mas foi vitorioso o ponto de vista de Vidal: atacar o inimigo, violentamente, partindo do engenho velho dos Guararapes. Na sua narrativa da batalha, percebe-se claramente o entusiasmo do autor:

*(...) Os luso-brasileiros não perderam um momento: atacam ferozmente. Vidal avança alucinadamente pela encosta, flanqueado por Antônio Silva e Cardoso. Figueirôa, intrépido, na retaguarda. Vieira, audaz e valente, firma-se a raso, sobre o Boqueirão, com 800 homens, flanqueado por Henrique Dias e Diogo Camarão [sobrinho de Felipe Camarão, que havia falecido]. (...) Derrotados, aniquilados mesmo, os holandeses foram perseguidos até o fim sem nenhuma ação militar. A vitória rolou dos montes Guararapes envolta nos farrapos dos pavilhões inimigos, às pontas de lanças de Vidal, Vieira, Camarão e Henrique Dias.*<sup>19</sup>

Percebe-se neste trecho a necessidade de dizer que o inimigo foi “aniquilado” pelos “patriotas”, utilizando uma evocação da famosa tetrarquia da restauração: Vieira, Vidal, Camarão e Dias. No entanto, é interessante perceber que, em geral, Vieira é o primeiro nome a ser citado na maioria das fontes e obras sobre o domínio holandês. No entanto, Luiz Pinto, no seu intuito de vangloriar o herói paraibano, não só neste trecho como ao longo de seu livro, coloca Vidal sempre em primeiro lugar, invertendo a ordem da tão consolidada tetrarquia.

Após a 2ª batalha dos Guararapes, a situação do Recife era muito difícil para ser sustentada pelos holandeses. A Holanda ainda tentava um entendimento com Portugal, mas já haviam passado quase três anos da última batalha. “Vidal estava inquieto. Queria completar a obra de limpeza”<sup>20</sup>. O auxílio do rei de Portugal estava tardando, até que em fins de 1653, surgiu na costa a grande esquadra tão prometida e esperada. Vidal insistia em terminar o que haviam iniciado, expulsando definitivamente os holandeses de “sua nação”. “Vendo Barreto que a razão estava com Vidal, resolveu, com ele e outros companheiros ilustres, traçar o plano de ataque. Traçado e cumprido”<sup>21</sup> Poucos dias depois, os holandeses capitularam. É relevante perceber a mensagem incutida nestes últimos acontecimentos: Ninguém estava disposto a continuar a luta pela restauração; apenas Vidal (sempre ele),

---

<sup>17</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 71.

<sup>18</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 80.

<sup>19</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 83-85.

<sup>20</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p.87.

<sup>21</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 88.

que queria continuar sua “obra de limpeza”. Insistiu tanto nesta meta que foi atendido: e, mais uma vez, estava certo, pois a vitória dos luso-brasileiros, patriotas e católicos foi definitivamente garantida.

Após longas negociações e forte pressão por parte dos holandeses, finalmente um acordo de paz foi assinado em 1661, “com vergonhosa situação para Portugal e prejuízo para o Brasil”, segundo Pinto. Por intervenção da Inglaterra, foram fixadas as seguintes condições: indenização de 400.000 cruzados por ano, em dinheiro ou em açúcar, sal e tabaco; restituição às Províncias Unidas de toda a artilharia que se encontrasse no Brasil; liberdade de comércio para os holandeses. Ao Brasil, coube uma indenização de 120.000 cruzados, além de 20.000 para dote da infanta que se casou com Carlos II. Essa condescendência de Portugal diante das pressões holandesas e inglesas, segundo Pinto, desvirtuou o sentido da vitória, conquistada pela valentia dos brasileiros, e que lhes custou vidas e imensas fortunas, pois, naquele momento, preferiam a colonização lusa, principalmente por motivos de religião. Como não poderia deixar de ser, Vidal não concordou com as injustas condições do acordo de paz:

*Essa frouxa transigência, que não foi dos nossos heróis, desvirtuou a vitória das batalhas dos Guararapes. Contra ela Vidal de Negreiros quis se opor, mas era uma condição aceita pelos superiores lusos, sob cuja cúpula vivia o Brasil, e seria assim baldada qualquer indisciplina ou reação.*

*Se por esse miserável preço, que os judeus holandeses exigiam com faca nos peitos, conseguimos uma paz definitiva, (paz para eles, na Europa, pois a nossa se argamassou com sangue), e ninguém seria capaz de alterá-la dentro das nossas fronteiras. Valha-nos ao menos esta certeza.<sup>22</sup>*

Neste último trecho percebemos a presença de duas idéias que permeiam toda a obra de Luiz Pinto: a dos “judeus holandeses”, “os judeus da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais” ou mesmo em referências de que os holandeses estariam “mancomunados com os judeus” para tirar proveito econômico das riquezas do Brasil. Outra idéia é a de que todo o processo de resistência e restauração, que culminou na capitulação dos holandeses, foi “argamassada com sangue”, custando aos “brasileiros” muitas vidas e riquezas. Abordaremos estes aspectos com maior profundidade mais adiante.

No início de 1655, Vidal viajou a Lisboa. Encontrou a Corte em festa, não só pela vitória brasileira, mas também pelo aniversário do rei.

*D. João fez questão de abraçar o mestre de campo da vitória, estreitar nos braços o guerreiro impávido, que derramou o sangue por várias vezes, que, à maturidade, via-se aleijado de uma perna, mas altivo e varonil. Pois dos 45 anos de idade, quando se achava na Europa, Vidal já contava 27 anos de guerra.<sup>23</sup>*

Após dias em Lisboa, Vidal retornou ao governo do Maranhão. Acerca do governo no Maranhão, Sérgio Buarque de Holanda atribui a seguinte citação ao

<sup>22</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 90.

<sup>23</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 92.

padre Antonio Vieira: “Vidal é talvez o único, antes de Gomes Freire, que não procura explorar o braço indígena, e que castiga os motins não por motivos pessoais (como os outros) mas por espírito público. Vai logo embora. ‘Teria salvo a Índia’ - diz o Padre”<sup>24</sup>.

Em face da ida de Barreto de Menezes para o governo da Bahia, Vidal foi escolhido governador de Pernambuco. Porém, não tardou para que Vidal e Menezes entrassem em choque, pois o paraibano não aceitava as imposições da Bahia. Neste momento, Portugal lutava contra a perspectiva de uma luta em Angola, onde se encontrava Fernandes Vieira. Assim, foram trocados os governadores, indo André Vidal para Angola, onde rapidamente consolidou boa política de paz para Portugal. Após mais uma vitória, Vidal queria recolher-se à vida privada.

*Vidal tinha sido um homem de guerra, um homem sem amor, sem uma afeição feminina. A guerra absorveu-o totalmente na melhor fase da existência. Perdera os pais, de cujo contacto se afastara aos 18 anos; as afeições que conquistara foram afeições de guerra. Homem desprendido, sem se preocupar com a sua vida particular, achava ser tempo de afastar-se da luta à tranquilidade da velhice.*<sup>25</sup>

Todavia, isto não lhe foi possível: Pernambuco passava por uma luta política entre diversas classes de agricultores, comerciantes e soldados. Em 1666, Vidal assume, pela segunda vez, o governo de Pernambuco. No interregno desses conflitos, finalmente pôde Vidal “*despertar para a vida*”, vivendo em paz os anos que lhe restavam. Na sua velhice, realizou uma verdadeira obra social, deixando grande parte dos seus bens para o “*amparo à velhice, à orfandade e aos desvalidos*”. Vidal seria “*um herói sem empáfia*”, que teria recusado todos os oferecimentos que lhe foram feitos, posto à margem comendas, prestígio, glória, tudo, para ajudar aos mais necessitados, o que ressaltaria ainda mais “*a sua compreensão de homem público e patriota*”<sup>26</sup>.

Como forma de terminar a apresentação da obra de Luiz Pinto, gostaria de destacar dois trechos dos mais significativos desta, que demonstram a grandeza, heroísmo, patriotismo e amor à religião católica que o autor busca conferir a Vidal:

*O seu amor concentrou-se à pátria. Foi um peregrino do civismo, um mago da fé. Fez-se guia do seu povo, sem nunca haver esmorecido, nem recusado, nem temido. Enquanto sentia a pegada do inimigo no chão do Brasil, aí esteve a cobri-la, a apagá-la. Ou morreria na luta ou tangeria os invasores insolentes que menosprezavam a sua religião.*<sup>27</sup>

*O destaque da personalidade de André Vidal avulta em todos os documentos históricos. Fora um soldado brioso, um homem feliz. Sua vida é uma equação cívico-militar, um panorama de lealdade,*

---

<sup>24</sup> HOLANDA. Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. Volume I: a época colonial. 3. ed. São Paulo: DIFEL, s.d.

<sup>25</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 96.

<sup>26</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 97-99.

<sup>27</sup> PINTO, *Vidal de Negreiros...*, p. 98.

*patriotismo e amor à fé. É o que se sente ao traçar o roteiro da guerra holandesa no Brasil, desde a invasão da Bahia até à de Pernambuco.*<sup>28</sup>

Para compreendermos melhor a concepção heróica que a historiografia paraibana buscou construir acerca da luta contra a invasão holandesa, ao conceber este momento como um marco da nossa nacionalidade e, conseqüentemente, da paraibanidade, faz-se premente o estudo de alguns elementos-chave. Para tanto, discutiremos a seguir a importância do imaginário na formação de identidades e a discussão do processo de construção da tetrarquia de heróis da restauração, com especial interesse na figura de André Vidal.

Na obra intitulada *Rubro veio*, Evaldo Cabral de Mello explora as deformações que o nativismo impôs à visão local da experiência holandesa. Trabalhando com a idéia de “imaginário social”, pode-se englobar “*uma ampla faixa de conteúdos ideológicos que inclui desde a invenção absoluta, com a falsificação histórica, até os simples deslocamentos de significado, mediante os quais o simbólico, linguagem do imaginário, vai criando uma sucessão interminável de conotações*”<sup>29</sup>. Neste sentido, são construídas variadas versões acerca dos acontecimentos históricos, que nada mais refletem do que o desejo de um povo, o que ele gostaria de ser ou de ter sido, atribuindo, à sua própria história, fatos fantásticos, grandes heróis, entre outros elementos, como forma de engrandecimento e formação de sua identidade.

Assim como o nativismo pernambucano, estudado por Mello, considerou-se herdeiro da restauração, momento no qual teria germinado o sentimento de liberdade entre os pernambucanos, a restauração também foi um dos elementos fundadores para o “ser paraibano”. Neste sentido, uma visão recorrente nas construções posteriores à restauração é a de que esta havia sido alcançada, como bem coloca Evaldo Cabral de Mello, “*à custa de nosso sangue, vidas e fazendas*”, isto é, mediante a mobilização exclusiva ou predominante dos recursos escassos da sociedade açucareira e escravocrata do Nordeste. Tal idéia está presente também na obra de Luiz Pinto, que, como já abordamos, defende que a restauração fora “*argamassada com sangue*”, à custa de “*nossas vidas e riquezas*”. Segundo Evaldo Cabral, a noção segundo a qual a restauração fora empreendida e sustentada pela gente da terra representou o tópico fundamental, a matriz ideológica a partir da qual se construiu toda a visão nativista do “tempo dos flamengos”.

Na narrativa de Luiz Pinto, como vimos, a questão religiosa parece ter sido um dos elementos fundamentais que levaram à reação dos luso-brasileiros. Contudo, como bem demonstra José Antônio Gonsalves de Mello, em seu *Tempo dos Flamengos*, os aspectos econômicos e a progressiva perda de apoio político por parte dos senhores de engenho parecem ter sido causas mais relevantes. Além disso, Luiz Pinto coloca a invasão holandesa como sendo resultado de uma “*mancomunação entre holandeses e judeus*”. Em nenhum momento ele coloca que a maioria dos holandeses era calvinista, e, muito menos, de que muitos empregados da WIC eram católicos e recusaram-se a lutar contra seus irmãos de fé. Como nos apresenta Gonsalves de Mello, apesar de Nassau ter concedido liberdade de

---

<sup>28</sup> PINTO, Vidal de Negreiros..., p. 91.

<sup>29</sup> MELLO, Evaldo Cabral. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p.18.

consciências para todos os habitantes da colônia holandesa, as hostilidades e intolerância entre as várias religiões - protestantes, católicos e judeus - marcaram o período. Logo, não houve apenas perseguições aos católicos, como também aos calvinistas e judeus. No entanto, este tipo de perseguição não foi um privilégio do Brasil, pois era uma tônica também na Europa, haja vista as inquisições católicas e protestantes. Luiz Pinto demonstra uma visão extremamente preconceituosa no que se refere aos judeus no período de dominação holandesa. Como mostra Gonsalves de Mello, após estudos variados, sabe-se hoje do enorme valor da nação judaica do Recife holandês, onde nasceu a cultura serfardínica na América. Vultos da maior importância no mundo dos judeus ibéricos estiveram em Pernambuco, fundando inclusive uma sinagoga. É fato também que, com a ocupação holandesa, muitos judeus residentes encobertos em Pernambuco se declararam como tais, mudaram os nomes cristãos para outros mais caracteristicamente judeus e circuncidaram-se. Foi tomando forma, então, o centro religioso israelita mais importante das Américas<sup>30</sup>.

Destarte, de acordo com a visão nativista, a restauração não se alcançara apenas *sem* o Rei, mas também *contra* o rei. A justificativa para o ato de rebeldia de não acatar às ordens da metrópole seria a de que “se resistiu ao Rei para melhor servir ao Rei”. Logo, a expulsão dos holandeses só foi possível devido à ação dos grandes heróis da restauração, a exemplo de João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, que foram ajudados pela nobreza dos “nacionais” da terra, o que implica no fato de que a restauração seria uma conquista dos “brasileiros”, que não haviam medido esforços, e, “à custa de seu sangue, vidas e fazendas”, haviam livrado sua terra dos “hereges” holandeses. Após todo esse esforço “patriótico”, segundo as versões luso-brasileiras produzidas logo após a restauração, seus participantes não objetivariam lucro ou qualquer outro tipo de interesse além do bem de sua terra, o que não se verificou na prática.

Além de ter sido alcançada à custa do sangue, vidas e fazendas da gente da terra, a restauração forjara-se sobre a aliança dos grupos étnicos que compunham a população local, não evidentemente em pé de igualdade, mas sob a direção da “nobreza da terra” e dos reinóis radicados em Pernambuco. Esta visão, segundo Evaldo Cabral, já estava consagrada pelo imaginário nativista nos começos do século XVIII, mediante o simbolismo de uma tetrarquia de heróis que se devia o culto cívico tributado aos verdadeiros “pais da pátria”. Há um claro sentido hierárquico nesta representação dos chefes militares da restauração: o reinol Vieira (oficialmente branco, mas que tudo indica tenha sido mulato), o mazombo Vidal (branco), o índio Camarão e o negro Henrique Dias. A própria escolha destes indivíduos para compor a tetrarquia demonstra a exclusão da mestiçagem, não se encontrando nela (oficialmente) a figura de um mestiço. A invocação desses heróis, desde o século XVIII, obedeceu a uma ordem consagrada, iniciando-se com Vieira, a que se sucedia o de Vidal, e o posteriormente Camarão e Dias. No entanto, na Paraíba, devido ao sentimento localista, o nome de Vidal vem em primeiro lugar, o

---

<sup>30</sup> A análise da questão religiosa permeia muitas partes da obra, mas o aspecto da intolerância religiosa se concentra no capítulo 5. Para tanto, vide MELLO, José Antonio Gonsalves. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, Univer Cidade, 2001.

que, como já observamos, se observa no texto de Luiz Pinto. A invocação tetrárquica, como coloca Cabral de Mello, comportou uma dupla eliminação: dos chefes da guerra de resistência, tida como a guerra perdida; e da dos que não fossem nascidos ou residissem na terra. No entanto, como o autor relata, a concepção dessa tetrarquia foi resultado de um longo processo de decantação e seleção dos que a deveriam compor.

André Vidal, por exemplo, foi escolhido no lugar de Antonio Cavalcanti porque, além de ser mazombo, tinha a vantagem de ter militado na resistência; e isto, quando apenas saía da infância, aos doze anos (segundo Luiz Pinto ele teria dezoito anos na época). Como coloca Evaldo Cabral:

*Ao contrário de Cavalcanti, [Vidal] participara de todos os grandes momentos de ambas fases da guerra: as lutas em torno do Recife, a retirada para o sul, as incursões campanhistas contra o Brasil holandês, a expedição de Luis Barbalho através do interior do Nordeste, da baía de Touros a Salvador (1640), as articulações e intrigas urdidas na Bahia e em Pernambuco com vistas ao levante de 1645, a invasão da capitania em apoio aos insurretos à frente do seu próprio terço de veteranos, a governação, partilhada com Vieira, da Guerra da Liberdade Divina, a recusa a acatar a ordem régia de retirar-se com suas tropas para a Bahia, Casa Forte e as duas batalhas dos Guararapes, a capitulação holandesa no Recife, a missão que lhe confiara Barreto de comunicar oficialmente a D. João IV a restauração de Pernambuco - em resumo, a mais longa, densa e brilhante folha de serviços de que se poderia gabar um oficial luso-brasileiro que militasse nas guerras holandesas.<sup>31</sup>*

Comparado a Cavalcanti, não pertencera pelo nascimento à nobreza da terra. Seu pai fora um artilheiro de bombarda que, na Paraíba, transitara para lavrador de canas. No entanto, criou-se uma tradição oral que apresentava o velho Francisco Vidal como um senhor de engenho da várzea do Paraíba. O próprio Luiz Pinto defende esta idéia, dizendo que o pai de Vidal seria dono do engenho São João. Tal idéia pode ser justificada pelo próprio processo de construção do mito de um herói, que, afinal, não poderia ter uma origem que não fosse nobre. Contudo, como um soldado de fortuna, Vidal foi nobilitado pela Coroa e ingressou na açucocracia, ao adquirir diversos engenhos na Várzea e na Paraíba. Sem dúvida, a restauração fez a fortuna de Vidal.

Outro fator que favoreceu Vidal a se tornar um dos membros da tetrarquia foram as crônicas produzidas sob encomenda por Vieira, que colocavam o paraibano como um companheiro de armas de Vieira, entre outras menções elogiosas. Em comparação à figura de Vieira, Vidal tinha um trunfo de que a deste primeiro carecia: havia sido governador de Pernambuco por duas vezes após a restauração, fazendo frente, inclusive, ao poder central na Bahia, governada por Barreto de Menezes. No tocante a este último, cairá praticamente no esquecimento do nativismo; sem dúvida, suas disputas com Vidal foram um componente relevante. Na análise do nativismo, percebe-se inicialmente, um acoplamento das figuras de Vidal e Vieira, (que haviam se completado, como “o sol e a lua”, durante as batalhas)

---

<sup>31</sup> MELLO, *Rubro veio...*, p. 202-203.

fornecendo a imagem de uma restauração bicéfala. Camarão e Dias só foram adicionados posteriormente à tetrarquia<sup>32</sup>.

Para a visão nativista, ao passo que a ocupação holandesa seria uma punição divina devido aos pecados dos habitantes de Pernambuco e a resistência fora uma empresa destinada ao fracasso, o movimento restaurador estava destinado ao triunfo, cujo plano haveria sido colocado sob o patrocínio do Altíssimo, em oposição à heresia calvinista. A intervenção divina teria sido uma tônica desde os seus preparativos e, como não poderia deixar de ser, foram registrados nas narrativas acontecimentos sobrenaturais e milagres os mais diversos, tais como aparições de santidades em pleno campo de batalha, o que só confirmaria que Deus estaria ao lado dos luso-brasileiros. Neste sentido, buscava-se comprovar, de qualquer modo, que a vitória dos restauradores teria contado com uma ajuda sobrenatural. E essa ajuda, logicamente, se manifestou, por exemplo, na impotência das balas flamengas contra os chefes militares ou mesmo soldados luso-brasileiros. Com relação a André Vidal, são comuns, na narrativa dos cronistas, afirmações de que as balas não o atingiam e que, quando o atingiam, apenas feriam superficialmente. Sem dúvida, esse componente religioso buscava comprovar a inevitabilidade do sucesso da empresa, alimentando, conseqüentemente, o culto aos heróis dos campos de batalha<sup>33</sup>.

Como vimos, para a historiografia paraibana, a campanha contra a dominação holandesa foi um dos marcos fundadores do nosso patriotismo, e, por que não dizer, da nossa paraibanidade. Foi com a campanha de resistência e restauração que se firmou uma das principais características, elaboradas pelo IHGP, do que viria a ser o “ser paraibano”: a bravura.

No entanto, essa característica, bem como a vitória da restauração, pode ser personificada em um dos heróis da tetrarquia da restauração: o “paraibano” André Vidal de Negreiros. Luiz Pinto, como vimos, demonstra claramente a versão mais difundida de quem seria André Vidal: um herói destemido, patriota, extremamente católico e defensor de sua terra. Um exemplo bem acabado do que seria um “paraibano”. Com sua coragem, seu “nacionalismo”, seu amor pela fé católica, entre outros atributos, se tornou, para a história oficial, o principal herói paraibano (e por que não brasileiro?) do período colonial. Ele teria sido a “alma da restauração”, um “homem da guerra”, que dedicou toda a sua vida aos objetivos cívico-militares. Concebia-se, então, um verdadeiro herói, com todas as significações que este termo acarreta. Só que Vidal não foi um herói qualquer: ele foi um herói *paraibano*.

---

<sup>32</sup> Toda esta análise acerca da elaboração de uma tetrarquia de restauradores encontra-se no capítulo 5 de *Rubro veio*. MELLO, *Rubro veio...*, p. 195-239.

<sup>33</sup> MELLO, *Rubro veio...*, p. 283-293.

## RESUMO

No presente artigo, analisaremos a figura de André Vidal de Negreiros, um dos líderes da campanha pela restauração das capitanias que ficaram sob o domínio holandês, com o objetivo de examinar o processo de construção da figura heróica de Vidal, especialmente pela historiografia, tendo em vista a necessidade desta de realizar um resgate de um passado histórico paraibano como forma de demonstrar e construir a identidade paraibana como de um povo bravo e lutador. Esse tipo de construção foi um dos pressupostos da formação do que chamamos de “paraibanidade” tentada, sobretudo, pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), que, desde a sua fundação, se viu na obrigação de “contar” a História paraibana. Nesse sentido, fixar-nos-emos na figura de André Vidal, sua participação na resistência e na restauração, examinando a imagem heróica que se buscou construir deste e sua importância para a formação da identidade paraibana.

**Palavras-Chave:** Identidade Paraibana; Historiografia; Paraíba Colonial.

## ABSTRACT

In the present paper, we analyse the image of André Vidal de Negreiros, one of the leaders of the campaign for the restoration of the Captaincies those of which were under the Dutch domain, aimed to examine the process of the construction of the heroic image of André Vidal, especially by the historiography, having in mind the necessity that it has of retaking a historical past in the State of Paraíba, as a way of showing and constructing the identity of the State of Paraíba, allegedly being of a brave and fighting people. This kind of construction was one of the assumptions in the formation of what we call “paraibanidade”, intended, among others, by the Geographic and Historic Institute of Paraíba (IHGP) that, since its foundation, was obliged to “tell” the history of Paraíba. Therefore, we will focus our attention on the image of André Vidal, his participation in the resistance and in the restoration, examining the heroic image that was tried to be constructed and its importance to the formation of the identity of the State of Paraíba.

**Keywords:** Paraíba Identity; Historiography, Colonial Paraíba.